

Os Sentidos do Ensino de História: uma reflexão a partir de questionários, relatórios de estagio supervisionados e livros didáticos.

LUCIANA CALISSI*

Este artigo apresenta uma trajetória de pesquisa - em elaboração -, a partir de leituras sobre o ensino de História e de experiências na formação de profissionais desta área de conhecimento.

A área de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Universidade Estadual da Paraíba, especificamente Centro de Humanidades na cidade de Guarabira, tem em seus profissionais experiências e interesses em diversos âmbitos no que se refere à formação inicial de professores de História. Assim, esta proposta de estudo nasceu de minha experiência como professora de Prática e Estágio Supervisionado e também dos debates entre colegas da área que têm, igualmente, a preocupação de compreender a formação docente em História.

Entre tantas leituras, uma me chamou especialmente a atenção, o livro *Tempo, Narrativa e Ensino de História*, de Marzete Lucini, onde relata suas observações e experiências em uma escola do Ensino Básico em uma escola pública de Ensino Fundamental e Médio no Rio Grande do Sul. A partir deste texto, a minha percepção sobre o Estágio Observação nas escolas se aprimorou e passei a considerar, de forma mais concreta, que, desde a observação das escolas e das aulas, os alunos já podem perceber muito além da estrutura material escolar e da metodologia dos professores que estão na escola. Fez-me atinar quanto pode ser aprofundada a discussão sobre o estágio e sua importância.

Outra leitura muito interessante neste aspecto foi o texto *Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História* de Flávia Eloisa Caimi publicado na *Revista Tempo*, onde a autora descreve uma pesquisa de campo sobre a importância do ensino de história nas escolas. Sua primeira premissa – que muitos de nós já tínhamos – e também constatação, é a de que os alunos, em sua maioria, se esquecem de tudo o que leram sobre História na escola. Então, por que aprender história?

Na verdade, esta questão não se apresenta apenas no presente, direta ou indiretamente para nós formadores de professores. Em cada período histórico do Brasil, o ensino da História como disciplina escolar teve uma função, um sentido ou objetivo ligados principalmente às

* Professora Ma. de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – CH – Guarabira/PB.



políticas de estado e educacionais, assim como a perspectivas ideológicas em determinados contextos sociais. Na década de 80 do século passado, por exemplo, o sentido predominante da construção do conhecimento verificado em vários livros didáticos era a História como lição; aprender com os erros do passado para não os repetir. Esta perspectiva não é mais predominante. Porém, qual o sentido do ensino de História hoje?

Esta resposta é plural e complexa. Hoje, o que se verifica em documentos e propostas curriculares, é a concepção do conhecimento como algo significativo, inclusivo, formador de pessoas cidadãs. Mas como a História constrói este tipo de conhecimento? O ensino de História tem contribuído para isto? Quais os significados de significativo, inclusivo e formador de pessoas cidadãs? Estas são questões que permeiam o nosso cotidiano como professores de Estágio Supervisionado nesta disciplina, e busco inicialmente, junto com meus alunos licenciandos e, futuramente, com professores da rede pública de nosso campo de estágio, e através do diálogo com meus colegas da Universidade, algumas trilhas que nos possibilitem respostas a estas indagações.

A pesquisa tem primeiramente o objetivo de verificar como os nossos alunos licenciandos respondem à questão: para que ensinar História? O objetivo, portanto, é verificar como estamos formando nossos alunos a partir da indagação sobre os sentidos da história e seu ensino. Ela se desenvolve a partir de espaços de rede pública de ensino, região de Guarabira - PB, 3ª regional, onde os estágios são desenvolvidos. Pretende-se, com este trabalho, participar do debate sobre a relação teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem em história; problematizar o campo de estágio e o campo de trabalho do historiador; e propor alternativas para ação e reflexão no/para o ensino de história.

Os Sentidos/funções do Ensino de História estão sendo discutidos, de diferentes formas, por vários autores e documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais por exemplo quando colocam que

Nesse contexto, os estudos históricos desempenham um papel importante, na medida em que contemplam pesquisas e reflexões das representações construídas socialmente e das relações estabelecidas entre os indivíduos, os grupos, os povos e o mundo social, em uma época. Nesse sentido, o ensino de História pode fazer escolhas pedagógicas capazes de possibilitar ao aluno refletir sobre seus valores e suas práticas cotidianas e relacioná-los com problemáticas históricas inerentes ao seu grupo de convívio, à sua localidade, à sua região e à sociedade nacional e mundial. (BRASIL.MEC.PCN, 1996 p.34)



Muitos trabalhos sobre o ensino de História propõem discussões sobre novos caminhos metodológicos, como por exemplo, *O Saber Histórico na Sala de Aula* organizado por Circe Bettencourt, onde se apresentam reflexões sobre os próprios livros didáticos, os novos usos de documentos como os imagéticos, revisitam os museus. Em *O Ensino de História e o Tempo Presente* – Revista Tempo Presente – Anpuh, vol 2, em seus artigos também se apresentam preocupações com o atual ensino de História, quando tratam prioritariamente a ressignificação do conceito *tempo histórico* na sala de aula. Outras obras poderiam ser citadas para exemplificar uma busca, de forma direta ou indireta, de sentidos para o ensino de história, ou para que a história faça sentido para os alunos. Caio César Boshi, em seu livro que tem como título exatamente a pergunta *Por que Estudar História?*, busca responde-la, de forma didática, para os próprios alunos, porque é importante aprender História.

Embora seja uma discussão bastante em voga, acredito que cada um de nós, formadores de professores em lugares de Licenciaturas, deve pesquisar mais de perto esta questão de acordo com sua realidade, suas demandas. Pensar os sentidos do ensino de história para onde vivemos e convivemos, acredito ser uma contribuição para pensarmos e reelaborarmos o nosso curso no sentido de dar sentidos a este ensino.

A ideia é que esta pesquisa, em etapa inicial, se transforme em um grupo de pesquisa e discussão na e para o curso de licenciatura em História no Campus Guarabira, com o objetivo de se perceber como estamos formando nossos alunos e para que. A concepção sobre o que/para que ensinar História deve ser condutora das reflexões metodológicas no/para o ensino de História.

Pretende-se perscrutar alunos do curso de História das disciplinas de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado. Isto porque a nossa grade curricular inicia as discussões sobre o Ensino de História no terceiro e quarto períodos do curso – Práticas I e II -, quando os alunos entram em contato com a história do ensino de História e passam a refletir sobre este ensino e suas metodologias e sentidos. Os estágios por sua vez, se iniciam normalmente no sexto ou sétimo período do curso e se dividem em Estágio Observação e Estágio Regência. Durante todas estas disciplinas, procuramos discutir o que ensinar, como, para que, mas ainda não mensuramos os resultados iniciais de nossa proposta de curso.

As fontes elaboradas/indagadas serão questionários para alunos e professores, relatórios de Estágio Supervisionados como TCC produzidos entre 2010 e 2014, e livros didáticos de História mais utilizados nas escolas na última década.



A metodologia a ser adotada ao longo da pesquisa, se baseia na análise destas fontes a partir da problemática proposta e da seguinte perspectiva. De um lado, questionários para alunos e professores e relatórios de estágio, para se conhecer as indagações, angústias e concepções acerca da construção do conhecimento em sala de aula. De outro, o livro didático, como um dos principais instrumentos ou fontes do conhecimento escolar, para se compreender qual o sentido de história nele contido, a partir de sua abordagem historiográfica, temas e metodologias adotadas, e verificar como este é utilizado por alunos e professores. Para a análise desta fonte, parto de minha experiência de mestrado onde trabalhei este tipo de historiografia – *A Música Popular Brasileira no Livro Didático de História* -, e de outros autores que analisam livros didáticos como a própria Circe Bettencourt, João Batista Gonçalves Bueno e Kazumi Munakata.

Os questionários foram pensados para alunos da disciplina Prática de Ensino, oferecida a partir do segundo ano do curso. Após a discussão de textos em sala sobre a história do ensino de História, a História escolar hoje, e metodologias de ensino de História, através da leitura de livros e textos de autoria de Circe Bettencourt, *Ensino de História: fundamentos e métodos*; Thais Nívea de Lima Fonseca, *História e Ensino de História*; Rebeca Gontijo, *Identidade Nacional e Ensino de História*; Marcos Antonio Silva e Selva Guimarães Fonseca, *Ensino de História Hoje: errâncias, conquistas e perdas*; além de outros textos e dos Parâmetros Curriculares Nacionais e dos Referenciais Curriculares da Paraíba, lançamos questões como: Qual/quais os sentidos da História ensinada? Qual a história ensinada em seu tempo de Educação Básica? Qual a sua concepção sobre História a ser desenvolvida na sala de aula?

Estas fontes, porém, exigem metodologias variadas; como elaborar, o que perguntar, como perguntar, enfim, como tratar cada uma delas, e representam um desafio para este trabalho, pois constituem um *corpus* muito extenso quantitativa e qualitativamente. Assim, inicialmente, as fontes que estão sendo exploradas são os Relatórios de Estágio Supervisionado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

A coleta destes relatórios se dá, a princípio, a partir de minhas orientações de TCC, das bancas de TCC de que participei ao longo do período aqui estudado, e dos trabalhos encontrados na Biblioteca do Centro de Humanidades em papel e CD-ROM. Em uma segunda etapa serão recolhidos trabalhos no *site* da própria instituição, a serem disponibilizados na Biblioteca *online* - UEPB. O recorte proposto são os anos de 2010-2014. Até o ano de 2008 a UEPB não tinha adotado Relatório de Estágio Supervisionado como TCC, o que mudou a partir de 2009 quando a Universidade institucionalizou estes trabalhos como base de desenvolvimento de reflexão



para um Trabalho final de Licenciatura. Só a partir principalmente de 2010 que passamos a ter, portanto, principalmente em Guarabira, um número mais significativo destes Relatórios como TCC.

E por que estes relatórios de TCC e não outros relatórios finais de Estágio? Por que é principalmente no TCC que os alunos refletem mais profundamente sobre a sua experiência, sistematizam de forma mais clara as suas problematizações e aprofundam-se um pouco mais na teoria. Não que os relatórios finais não contem nesta reflexão – impossível- pois trabalho com isto, mas não é possível tê-los como fonte referência pois não se tornam públicos, cada professor recebe separadamente estes relatos. Mas os relatos que chegam até mim todo semestre acabam também sendo uma referência indireta para minha pesquisa.

De acordo com a primeira projeção, em termos quantitativos destas fontes, a estimativa se apresenta da seguinte forma: em cinco anos ou dez semestres – 2010 a 2014, o curso teve duas entradas de novas turmas por ano nos períodos diurno e noturno. Isto significa que tivemos quatro turmas concluintes por ano e que em cinco anos isto representa 20 turmas entre os períodos diurno e noturno. O número médio de concluintes em cada turma é de vinte alunos, o que significa uma média – pois nem todos defendem seus trabalhos logo ao final do curso - de quatrocentos alunos que defenderam Trabalhos de Conclusão de Curso em cinco anos. Deste total, pelas primeiras pesquisas realizadas, entre 25% e 30% destes trabalhos têm como tema o Estágio Supervisionado em História. Assim, a princípio, o meu *corpus* de relatórios compreende aproximadamente cem trabalhos a serem analisados.

Esta é uma estimativa, pois ainda não foi possível fazer todo o levantamento; as atas de defesa por exemplo, não são suficientes para a garantia deste material disponível. Serão ainda necessárias algumas etapas; terminar a pesquisa na Biblioteca, verificar o que será disponibilizado *online* e analisar os TCC deste período independente dos títulos – nem sempre apresentam diretamente o Relatório ou relato de experiência como tema principal. Assim, muitos trabalhos ainda precisam ser consultados para se conseguir afirmar quanto há deste tipo de fonte disponível. Mas uma parte deles já está organizado e em análise.

Estes Trabalhos de Conclusão de Curso baseiam-se tanto em relatórios de estágio Observação quanto estágio Regência; muitas vezes os dois tipos de experiência estão presentes nestes trabalhos para as reflexões dos licenciandos.

Os relatórios de estágio de observação compreendem não só a “observação externa” – estrutura da escola, condições materiais e administrativas por exemplo -, como aquela referente ao cerne da escola; as suas relações pessoais, de grupos; ou seja, uma observação mais próxima



dos professores e dos alunos. Além disto, muitas vezes os nossos alunos que realizam estágio de observação nas escolas, conseguem um espaço mais rico e abrangente para esta atividade quando oferecem oficinas de história na escola. Isto mesmo, a atuação em grupo e com grupos nas escolas permite uma observação para além das metodologias do/a professor/a da sala de aula; ajuda aos nossos alunos perceberem a própria dinâmica da escola de maneira mais próxima e crítica.

De qualquer forma, dos relatórios até agora analisados referentes a este momento do estágio, apresentam mais diretamente a discussão sobre o que e como ensinar, baseados nas primeiras observações/impressões do processo ensino-aprendizagem, quando os estagiários questionam a metodologia adotada pela escola/professores regentes e fazem críticas aos mesmos a partir ainda de uma concepção teórica da história ensinada, principalmente como instrumento de transformação social. Para estes por exemplo, o ensino significativo é aquele que mobiliza movimento coletivo, político, ideológico mais explícito e delegam aos professores da rede um papel passivo. Mas em seguida, quando apresentam a experiência de Regência, a análise se modifica. Passam a perceber as dificuldades de se realizar a teoria na prática, e passam a reelaborar, não só o sentido do ensino de História, como as suas metodologias.

Os trabalhos que fazem uma discussão mais aprofundada da Regência por sua vez – como fruto de práticas e reflexões –, já são menos incisivos nas críticas/julgamentos, e a concepção sobre história ensinada e conhecimento significativo ficam mais confusos mesmo – percebe-se que se iniciou um processo de reflexão diferenciado a partir de uma prática, mas ainda está em choque com o que viveu, o que estudou, o que observou – e pensou ser fácil modificar -, o que vivenciou.

Em alguns Trabalhos de Conclusão de Curso, muitas vezes se apresenta juntamente com o relatório de estágio, um memorial escolar. Nessa modalidade de trabalho consta a reflexão crítica sobre a história de vida pessoal estudantil, profissional do memorialista, exposto em narrativa que se faça perceber conhecimentos adquiridos e resultados obtidos na trajetória vivenciada até o instante da atuação profissional possibilitada pelo Estágio Supervisionado. Embora tenha intrínseca a subjetividade do autor, o memorial acadêmico preza pela capacidade do memorialista em ser claro, objetivo e, antes de mais, crítico com sua experiência, embora, muitas vezes se perceba mais a emoção do que a razão, o que não necessariamente é negativo.

Assim, descreve a história lembrada/narrada pelo aluno de seus anos como estudante. Em alguns trabalhos a trajetória descrita se inicia já no seu ingresso escolar e se estende até a Universidade; outras vezes vai do Ensino Fundamental ou Médio até o final do curso, e assim



por diante. Apresenta vivência de nosso aluno dentro e fora da sala de aula; mas também é possível perceber o ensino de História ao longo de seus anos escolares e/ou universitários. Nesse sentido, o memorialista deve em seu relato oportunizar a reflexão sobre a educação em suas variadas dimensões; isto contribui muito para que o próprio licenciando reveja sua trajetória como estudante/aluno e futuro professor; que faça relações entre os tempos históricos – vividos/estudado -, percebendo mudanças e permanências no ensino. Compreende, portanto, um material riquíssimo para apreendermos a trajetória deste aluno, e nos possibilita muitas outras observações e análises.

É interessante também perceber como os relatórios se diferenciam e se aproximam em diversos aspectos e dimensões, e estas aproximações e distancias serão de grande importância para percebermos como estes alunos estão pensando o ensino de História. Enquanto um aluno por exemplo, tem uma maior preocupação com a abordagem historiográfica, outro tem como foco as estratégias de ensino, mas ambos revelam a busca de fazer a História ser importante para os alunos da escola onde estagiaram. Há também alguns alunos que não chegaram a conclusões mais aprofundadas, e outros que nos revelam sua descrença no papel da História e do próprio papel do professor nas escolas. A escola é outro elemento muito importante para analisarmos o enfrentamento de nossos alunos neste espaço de trabalho. Enfim, as descobertas estão sendo muitas e muito importantes para compreendermos o nosso próprio curso.

Em um primeiro momento estão sendo analisados trinta (30) trabalhos. Dos até agora analisados, entre 30 e 40 % contêm questões referentes a relação teoria e prática, e a discussão do sentido do ensino de História de forma mais direta. Não que os demais relatos não representem de alguma maneira esta inquietação, mas neste momento, não representam fontes prioritárias. Mas afinal, qual o critério para selecionar trabalhos que ajudem esta reflexão?

Na verdade, os critérios/metodologia estão sendo elaborados e reelaborados neste início de pesquisa, pois trata-se de fontes riquíssimas em termos quantitativos e principalmente no sentido de informações. Embora sejam todos relatórios baseados em relatos de experiência, cada um deles nos revela mundos e perspectivas diferentes sobre o ensinar história, além de outras questões subjacentes que acabam por chamar nossa atenção, como por exemplo, as críticas e indagações sobre a sua formação universitária relacionadas ao currículo acadêmico e/ou outros problemas de formação. É importante destacar que o licenciando sempre terá questões quanto o que fazer com tudo o que estudou, e isto é salutar, pois não há nada fechado, mas sim aberturas para reflexões e reelaborações constantes do fazer histórico.



Na trajetória até aqui seguida, pode-se já perceber que os licenciandos em História do Campus Guarabira têm se preocupado cada vez mais com o ser professor, percebem a importância do ensino de História, independentemente de sua concepção, e demonstram intenção de serem professores atuantes, como indicam diversas conclusões de relatórios como a de Renata Cavalcanti, que defendeu seu Relatório como TCC sob a orientação da professora Marisa Tayra Teruya* em 2013:

Pela participação efetuada na sala de aula, pode-se concluir que as experiências registradas neste trabalho, colaboram para a aquisição de conhecimentos práticos necessários a uma boa formação profissional. Apesar do Estágio Supervisionado fazer parte dos componentes curriculares e possuir caráter obrigatório para o cumprimento de uma demanda, particularmente falando, essa etapa do curso foi mais que um dever a ser cumprido. Serviu também para aumentar ainda mais a certeza que tenho com relação a minha formação profissional. A docência é algo de extremo valor, mesmo que muitas vezes esse valor não seja reconhecido, tem seus altos e baixos, mas sempre existirão dificuldades, independentemente do caminho escolhido. [...] Muitas histórias, assim como a minha, descrita neste trabalho, merecem ser contadas, e desejo contribuir para isso, para que outras pessoas tenham o direito de conhecer e contar histórias. E assim eu vou dando continuidade a caminhada que descobri sem querer, quando eu ainda não sabia por onde queria andar; e foi nesse momento de indecisão que a docência juntamente com história me escolheram para trilhar seus caminhos. Todos os momentos na sala de aula me fizeram aprender mais do que ensinar [...]. Trouxe uma bagagem bem maior do que aquela que levei para a sala de aula. Hoje me sinto ainda mais feliz, me sinto professora! (CAVALCANTI, 2013).

Estes e outros relatos e trabalhos nos incentivam a buscar melhores caminhos para a formação de nossos alunos. Os trabalhos de conclusão de curso realizados a partir de relatórios de estágio são de extrema importância para percebermos o que e para quem estamos fazendo ao longo destes anos. Ficou claro que estamos em uma etapa muito primária, mas também pode-se perceber o quanto é possível realizar a partir deste início. A intenção é contribuir não só com a discussão do ensino de História, mas com o seu fazer.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe M. F. (org.). **O Saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2008.

* Professora da instituição em Prática de Ensino e Estágio Supervisionado até abril deste ano. Foi responsável pela estruturação da área de ensino em nosso curso de História em Guarabira.



- _____. **Ensino de História:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. **O Livro Didático e Conhecimento Histórico:** uma história do saber escolar. Tese (Doutorado em História Social). São Paulo: FFLCH – USP, 1993.
- BOSCHI Caio César. Por que estudar História?. São Paulo: Ática, 2007.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC /SEF, 1998.
- BUENO, João Batista. **Representações Iconográficas em Livros didáticos de História.** Dissertação (Mestrado em Educação). Campinas: UNICAMP, 2003.
- _____. **Imagens visuais nos livros didáticos:** permanências e rupturas nas propostas de leitura (Brasil, décadas de 1970 a 2000). Tese (Doutorado em Educação). Campinas: UNICAMP, 2011.
- CAIMI, Flávia Eloísa. **Conversas e controvérsias:** o ensino de história no Brasil (1980-1998). Passo Fundo: UFP, 2001.
- CALISSI, Luciana. **A Música Popular Brasileira no Livro Didático de História.** (Décadas de 1980 e 1990). Dissertação (Mestrado em História). Recife/PB, 2003.
- CAVALCANTI, Renata. **Ensinar História:** dificuldades e desafios. Relatório de Estágio Supervisionado, Universidade Estadual da Paraíba, Curso de História – CH/Guarabira, 2013.
- CHERVEL, André. **História das disciplinas escolares:** reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria & História, v.2, 1990.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da História Ensinada.** Campinas: Papyrus, 1993.
- FONSECA, Selva Guimarães; SILVA, Marcos Antonio. Ensino de História Hoje: errâncias, conquistas e perdas. In: **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 31, nº 60, p. 13-33 - 2010
- FONSECA, Thais Nivia e. **História e Ensino de História.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- GONTIJO, Rebeca. Identidade nacional e Ensino de História In: ABREU, Martha; SOIEHT, Rachel. **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia.** Rio de Janeiro: FAPERJ/Casa da Palavra, 2009.
- KARNAL, Leandro (org.). **História na Sala de Aula.** São Paulo: Contexto, 2012.
- MUNAKATA, Kazumi. **Produzindo Livros Didáticos e Paradidáticos.** Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação). São Paulo: PUC, 1997.
- PARAÍBA. Secretaria da Educação e Cultura. Coordenadoria do Ensino Médio. **Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba.** Ciências Humanas e suas tecnologias. Girleide Medeiros de Almeida Monteiro (Coordenação Geral). João Pessoa: [s.n.], 2006. p. 84-98.
- PINSKY, Jaime (Org.) **O Ensino de História e a Criação do Fato.** São Paulo: Contexto, 1988.
- Revista História Hoje. **O Ensino de História e o Tempo Presente.** Vol. 2 No 4, ANPUH – Brasil: agosto de 2013 a julho de 2015.
- SELBACH, Simone (org.). **História e Didática.** Col. Como bem ensinar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.